

# No Princípio

## Era "O Delfim"...

Nelly Novaes Coelho

Correio do Povo, 11.9.71

Obra-chave da novelística de José Cardoso Pires, escritor dos mais representativos dos quadros da literatura portuguesa contemporânea, «O DELFIM» acaba de ser lançado pela Editora Civilização Brasileira, como o volume inaugural da «Coleção Caravelas» que vem de ser criada, com o objetivo de divulgar para o público brasileiro a literatura nova de Portugal.

Para além, portanto, de sua importância intrínseca como criação literária de alto nível, «O DELFIM» assume neste lançamento brasileiro uma dimensão mais ampla: surge como uma das mais importantes concretizações dos projetos que ultimamente vêm sendo feitos (em Portugal e no Brasil), no sentido de se conseguir uma comunicação cultural mais ampla entre brasileiros e portugueses.

Com o mesmo espírito, pois, com o lançamento em março deste ano foi lançada em Lisboa a revista *Colóquio/Letras* da Fundação Calouste Gulbenkian, (sob a direção de Hernâni Cidade e Jacinto do Prado Coelho) dá ampla cobertura a escritores brasileiros e portugueses; com o mesmo objetivo com que o editor Lyon de Casadevall (de Publicações Europa-América) teve recentemente entre nós último volume os estudos para o estabelecimento de uma filial de sua editora, no Brasil, para lançar autores portugueses e brasileiros; agora a Civilização Brasileira inicia a «Coleção Caravelas», para cujo êxito aqui deixamos nossos melhores votos. Já é evidente do que tempo de serem intensificadas mútuas relações literárias entre os dois povos que, apesar de serem irmãos pelas origens, comunitárias de língua e cultura, praticamente se desconhecem.

Assim sendo, pelas perspectivas de abertura de que é sintoma claro, o lançamento brasileiro de «O DELFIM» não podia ser mais animador. O fato de que uma grave lacuna no mercado editorial principia a ser concretamente preenchida.

Da mesma forma, como obra reveladora da realidade portuguesa atual, a sua escolha (dentre tantos e tantos títulos e autores altamente significativos na ficção portuguesa atual) revela-se extremamente feliz. «O DELFIM» tem sido uma das obras portuguesas de maior repercussão crítica e editorial destes últimos três anos: quatro reedições portuguesas e traduções na França, Espanha e Alemanha.

Obra madura (como já tivemos ocasião de dizer, em 68, quando de sua primeira publicação em Portugal), «O DELFIM» apresenta-se, a nosso ver, como o ponto mais alto de depuração estilística e amadurecimento vivencial, revelados até o momento pela ficção de José Cardoso Pires. Ficção que atinge agora o seu oitavo volume e várias reedições; e onde a «portugalidade» (isto é, o sentir Portugal em face da História ou do Tempo) é o elemento que alimenta e dinamiza a invenção literária.

Romance do próprio romance, «O DELFIM» nasce das conjecturas do próprio Escritor consigo mesmo, ao chegar uma tarde na aldeia da Galeria para a «estação de caça» anual e ouve notícias desencontradas acerca de uma provável tragédia que teria ocorrido na «casa da lagoa». Pela primeira vez o romancista participa do seu romance como personagem, isto é, como «narrador» declarado dos fatos e, simultaneamente, como «antinarrador» (= aquele que vê de fora, critica e julga o que o «outro» está narrando); atitude dúplici que continuamente põe em dúvida a verdade imediata que vai sendo apreendida nos fatos.

Tôda a efabulação do romance é, portanto, uma longa recuperação pela memória dos momentos em que, um ano antes, o Escritor privara com as personagens da tragédia: o Engenheiro (o Delfim), a esposa e o criado. Esse contínuo recuperar de fatos passados, pequenos nada, pormenores... sobrepõem-se à realidade concreta que, no presente, circunda o

Narrador (= a vida da aldeia e os preparativos para a nova estação de caça), e passa a impor-se como realidade maior, absorvendo e abstratizando a atual.

Essa intriga básica, aparentemente rudimentar, tem no entanto uma significativa dimensão simbólica: enquanto no plano epidérmico da narrativa, desenvolve-se essa absorção

do «presente» pelo «passado» (= o reviver dos fatos transcorridos um ano antes suplanta os decorridos no momento da narração), no plano subjacente, o da problemática essencial do romance, denuncia-se a existência de certo «espaço» histórico, físico, concreto; uma certa esfera humano-social onde a vida decorre como que suspensa no tempo: alicerçada sobre as ruínas da História e alimentando sua necessidade de atuação com as criações grandiosas de um passado transformado em mito.

«Escrevi este romance», disse José Cardoso Pires em certa entrevista, «pensando no Tempo no nosso Tempo português. Uma e outra coisa, livro e tema, são ainda um enigma para mim. O romance porque, nas cinco versões que escrevi dele, me ultrapassou impondo-me certas soluções narrativas de todo inesperadas. O tema porque me obrigou a aprofundar o denominador comum da nossa condição: a realidade de um Tempo português, que é único nos meridianos contemporâneos. (...) Isto porque há um tempo histórico e até físico verdadeiramente singular no nosso cotidiano».

É, pois, na lúcida captação desse «tempo», efetuada por uma consciência crítica (despida da visão onisciente de quem tudo sabe, interpreta e explica) que se constrói «O DELFIM». Numa dimensão jamais alcançada antes, aprofunda-se neste romance a faceta simbólica característica do processo criador de J. Cardoso Pires, em sua vigilância constante para transcender o significado literal e raso da realidade objetiva e dar-lhe uma conotação alegórica. O «Jaguar»; os «mastins»; o «chisky»; a «muralha» do largo, a «lagartixa» no muro; a «estação da caça»; a «lagoa»; o «velho vendedor de bilhetes»; etc. são alguns dos elementos que compõem a cosmografia de José Cardoso Pires em «O DELFIM». E acima de todos, sobrepõe-se a figura do Engenheiro (o Delfim): a corporificação de uma postura mental e de um «modus vivendi» de herança medieval, que ainda persiste no português de hoje.

É essa, basicamente, a corajosa problemática colocada por José Cardoso



Pires em sua obra: a persistência, no tempo português de hoje, de um tipo de personalidade e de relacionamento humano que caracterizam os grandes senhores da aristocracia rural que construiu, em seus primórdios, a nação portuguesa.

A nosso ver, «O DELFIM» representa, ainda, no universo ficcional de Cardoso Pires um limite e uma nova abertura. Um «limite», porque esteticamente aparece-nos como um ponto de chegada na diretriz do realismo-dialético, trilhado pelo romancista desde seus primeiros contos: a literatura exemplar, polêmica, participante (no sentido sócio-político do termo...) que encontramos, por exemplo, em «O ANJO ANCORADO» ou em «O HÓSPEDE DE JOB». Ao mesmo tempo vêmo-lo como uma «abertura», porque uma nova trilha vivencial e estilística ali já se evidencia (como procuramos explicar em estudo publicado por ocasião de seu lançamento).

Como disse o Escritor em conversa com o Engenheiro: «Cada romance (...) vai crescendo com o tempo, corrigindo-se com o corpo e a voz do homem que o escreveu. E assim, realmente, se vem revelando a produção de José Cardoso Pires, elemento de destaque que, ao lado de seus companheiros de geração (= Vergílio Ferreira, Fernando Namora, Augusto Abelaira, Ruben A., Fernanda Botelho, Agustina Bessa Luis, Urbano Tavares Rodrigues, Natália Nunes, Maria Judite de Carvalho, Maria da Graça Freire, etc.), é responsável pela vitalidade e alto nível criativo que define a literatura contemporânea portuguesa.

Como diz Franklin de Oliveira, na apresentação da edição brasileira, «é admirável a capacidade de José Cardoso Pires, de organizar estruturas e ritmos narrativos sobre uma economia verbal altamente concentrada, que comunica força e poder à sintaxe novelística. Na sua arte a palavra é ação, e não valor lúdico. Aciona a demanda romanesca. O encontro com José Cardoso Pires, sua ficção e sua prosa, enriquecem a nossa sensibilidade. Incorporá-lo ao universo literário do leitor brasileiro, tão distanciada da nova ficção portuguesa, é ato de lucidez intelectual».



José Cardoso Pires